

**“UMA DESCARADA JANELA JUDIA”: WŁADYSŁAW SZLENGEL,  
CRONISTA DO GUETO DE VARSÓVIA**

Marcelo Paiva de Souza (UFPR)

**RESUMO:** A amargura irônica de “Okno na tamtą stronę”/“Uma janela para o lado de lá”, poema coligido em *Co czytałem umarłym/O que eu lia para os mortos*, de Władysław Szlengel (1914-1943), faculta um vislumbre dolorosamente nítido, presta testemunho dos mais eloquentes da vida precária que se terá vivido, às vésperas da *Endlösung*, por trás dos muros do Gueto de Varsóvia. O sujeito poético, judeu polonês proibido pelo meticuloso arbítrio nazista de achegar-se à janela com vista para o restante da cidade, espera pela noite; olha então com avidez através da vidraça, buscando, para além das “árvores arianas” do belo parque defronte, “um contrabando sentimental”: os vultos e contornos da urbe adormecida que ainda chama de sua – porém já não é. Descortinar um pouco do que se vê dessa “descarada janela judia”, examinando, a partir dela, o lado de fora e, sobretudo, o lado de dentro do Gueto, dar a conhecer no Brasil alguns versos e alguma prosa de Szlengel, apresentando-o, traduzindo-o e comentando-o, será nosso objetivo nesta comunicação.

**Palavras-chave:** Władysław Szlengel. Gueto de Varsóvia. Literatura polonesa em tradução.

Que não se percam de vista os contornos muito particulares (e fugidios) do lugar de que nos acercamos:

A área do gueto de Varsóvia está hoje quase inteiramente despida de vestígios materiais que possam amparar nossa memória. Visto dessa perspectiva, o destino pós-guerra do gueto de Łódź distingue-se diametralmente do de Varsóvia. Na Łódź contemporânea restou do gueto quase tudo: casas, disposição das ruas, pedras do calçamento – em Varsóvia não restou nada. As pessoas foram exterminadas, mas também o espaço foi exterminado, a substância material daquele lugar foi condenada ao extermínio. [...] O gueto de Varsóvia não existe. Existe no entanto algo que pode ser chamado de lugar-após-o-gueto. [...]

O lugar-após-o-gueto é vazio (embora edificado), é desnudo e morto (embora ali a vida ferve). O lugar se salvou, mas foi como que escavado, privado de seu “conteúdo”, de seu “interior”. O gueto que houve aqui foi condenado ao extermínio, mas esse “aqui” restou, encoberto, porém, pela presença do Muranów de hoje. Restaram molduras que já contêm em si uma outra realidade, restou um ponto topográfico, uma abstração cartográfica.

Caminhando hoje pela área do gueto que houve, experimentamos o singular paradoxo da presença do vazio. Essa experiência é acompanhada por um peculiar alargamento da visão, uma duplicação de perspectiva. Eis que começamos a ver o que não vemos (uma reconstrução imaginária do gueto); contudo, em certo sentido, já não vemos o que vemos (a realidade percebida aqui e agora). A topografia contemporânea de Muranów se torna uma espécie de cortina translúcida que recobre o que de fato queremos ver. A ausência se faz presença, o lugar-após-o-gueto se faz real, e o próprio gueto – essa cidade inexistente – é restituído à memória (ENGELKING; LEOCIK, 2013, p. 836-837)<sup>1</sup>.

Por certo, a matéria do poeta que se alcunhou de cronista é o tempo. E estando em pauta – como na obra de Władysław Szlengel – o traumático rol de eventos da *Shoah*, tanto mais relevante se torna a retícula do calendário histórico, o teor do passado que a crônica segmenta, dispõe e fixa. Sabemos, porém, que a *Shoah* possui um mapa, e cumpre recordar esse aparente truísmo para que se faça desde logo a devida justiça ao testemunho szlengeliano. Nascido em Varsóvia em 1914, já figura de destaque nos meios literários locais ao fim da década de 1930, e confinado 16 de novembro de 1940 no gueto que se instituiu na cidade sob a ocupação alemã<sup>2</sup>, o autor nos conduz em seus escritos a pontos nevrálgicos do roteiro da *Endlösung* e da engenharia nazista de genocídio dos judeus.

Seria difícil superestimar a especificidade de tal perspectiva, considerados o alcance, a minúcia e a nitidez da visão que ela proporciona. Em grande medida, no entanto, o legado criativo de Szlengel continua desconhecido: na Polônia inclusive, sob certos aspectos<sup>3</sup>, e que dizer então fora dela! Pouco traduzidos, e ao que parece de

---

<sup>1</sup> As palavras transcritas – de autoria de Jacek Leociak – provêm do “Epílogo” do monumental *Getto Warszawskie: przewodnik po nieistniejącym mieście (O Gueto de Varsóvia: guia de uma cidade inexistente)*, obra conjunta de Leociak e Barbara Engelking. Muito embora compartilhem a concepção geral e redijam a quatro mãos algumas partes do livro, cada estudioso assina individualmente determinado número de capítulos da obra. Salvo menção em contrário, a tradução das fontes estrangeiras citadas é de minha responsabilidade.

<sup>2</sup> Para uma cronologia sintética da história do Gueto de Varsóvia, ver ENGELKING; LEOCIK, 2013, p. 58-68. A decisão de criação do gueto é anunciada na cidade já aos 12 de outubro de 1940. Dia 16 de novembro o Gueto é fechado.

<sup>3</sup> *Władysław Szlengel: poeta desconhecido* é o título dado à mais nova coletânea da produção literária do autor. Parece entretanto estar em causa aqui, precipuamente, o resgate dos escritos szlengelianos do pré-guerra, parte de sua obra que ainda não havia sido recolhida em livro. Ver SZLENGEL, 2013 e 1979.

forma não especialmente ciosa do labor artístico que lhes é intrínseco<sup>4</sup>, os textos do autor ainda estão à espera de mais leitura e estudo, ainda carecem de mais versões estrangeiras, de mais comentário e debate.<sup>5</sup> Se vai ficando claro, assim, que traços distintivos o *opus* szlengeliano apresenta, bem como por que reclama especial atenção, retomemos o (longo) trecho citado de início e a problemática fundamental que ali vem à baila.

Na falta quase absoluta de resíduos físicos, de vestígios palpáveis do que foi o Gueto de Varsóvia no atual tecido urbano da capital polonesa, resta apenas, conforme o arrazoado de Jacek Leociak, o esquivo “lugar-após-o-gueto”, esse espaço paradoxal em que se imbricam ausência e presença, esse aqui e agora ruidoso cuja plenitude trai um vazio, e de onde nos interpelam, irremissivelmente, as vozes surdas de um outrora e seu *memento*. O dever de memória no caso toma feições paradigmáticas: para que se entreabra a cortina diante do que já não há, para que se aviste um tanto do que já não se vê, é preciso primeiro nutrir o desejo de fazê-lo.<sup>6</sup> Pois não se poderia desejar o contrário?

O confronto com o testemunho, sem dúvida, não consiste em tarefa simples. Dirigindo-se ao hipotético leitor polonês futuro dos versos que escreveu no Gueto – um “polonês-democrata”, quiçá, ao qual o martírio do povo “que dividiu com ele anos bons

---

<sup>4</sup> Encontram-se na internet (ver <<http://www.zchor.org/szlengel/poems.htm>>) versões de textos de Szlengel assinadas por Halina Birenbaum (para o hebraico e o inglês) e Jean-Yves Potel (para o francês). Desconheço o hebraico, e não levei a cabo uma análise acurada das versões em língua inglesa e francesa. Consultando rapidamente estas últimas, contudo, a impressão geral que tive foi a de empreitadas tradutórias que não fazem frente à forma, às peculiaridades do trabalho de linguagem investido no respectivo original em questão.

<sup>5</sup> Cabe aqui aliás, de passagem, uma observação. Muito em voga nos estudos literários no Brasil de algum tempo para cá, a vertente de pesquisa que tem por fio condutor o conceito de testemunho, sobretudo em sua articulação com a *Shoah*, vem passando sistemática e longinquamente ao largo do acervo literário polonês de interesse no caso, o qual, por razões óbvias, é volumosíssimo – e incontornável (ver a respeito, p. ex., BURYŁA; KRAWCZYŃSKA; LEOCIK, 2012; GŁOWIŃSKI, 2004; GROSS, 1993; GRYNBERG, 1994; ŚWIĘCH, 1997; UBERTOWSKA, 2007; em inglês, vale a pena consultar *Teksty Drugie*, 2013). Salvo engano, a literatura de testemunho sobre a *Shoah* em iídiche e hebraico, de igual modo indispensável, tampouco vem sendo frequentada como convém nas excogitações de especialistas brasileiros. Para uma exceção, ver GUINSBURG, 1996.

<sup>6</sup> Aludo aqui às ponderações de Annette Wieviorka em *L'ère du témoin*: “Malgré la profusion des témoignages, le monde sait-il? et que sait-il? Car pour savoir, il faut d'abord nourrir le désir de savoir” (WIEVIORKA, 1998, p. 21).

e ruins [...] não será indiferente” –, o próprio Szlengel antecipou, com perfeita lucidez, uma série de questões cruciais:

Hoje, amanhã ou daqui a um ano – de mão em mão, como nas conspirações – ou após a guerra, como obra acessível ao público, a coletânea de versos *Co czytałem umarłym/O que eu lia para os mortos* alcançará o leitor polonês. [...]

A despeito da tênue barreira divisória, o ambiente e a vida do gueto serão para ele distantes, exóticos, e se acharão cada vez mais remotos por trás do arame farpado das leis alemãs e da propaganda de hienas e lobos. Escrevi os versos contidos neste volume nos entreatos de acontecimentos terríveis, cujo eco também chegou até vocês, amigos. Como sorrisos a acalmar o agonizante entre um e outro espasmo de dor – foram surgindo estas tristes rimas e ritmos.

Estes versos, em uma pequena quantidade de cópias, “foram ao encontro das gentes”, foram lidos por mim em saraus literários e recitados em oficinas.

Estes versos em que adentrarão, meus caros, sem braçadeiras, são uma selva, na qual não será fácil para vocês achar um caminho. A temática e os acessórios são estranhos e incompreensíveis, exigem muitos comentários. Há palavras e tiradas de cuja profundidade e horrível tristeza só é possível ter conhecimento após a preparação que se recebe com a vida para cá do muro e sob o chicote dos homens da SS (SZLENGEL, 2013, p. 198).

Obviamente, as ponderações do autor reservam ênfase capital ao aspecto afetivo da recepção dos textos. Sorrisos de conforto para agonizantes, as “rimas e ritmos” surgidos nos entreatos do horror solicitam uma atitude de empatia, uma escuta comovida, sensível ao compasso da compaixão. Não se revela menos decisiva, contudo, a dimensão do entendimento no processo. A linha divisória entre o lado de dentro e o lado de fora é bastante tênue, mas a vida precária que se viveu no Gueto parecerá remota e exótica, o ambiente do extermínio, seu cotidiano, seus acessórios parecerão incompreensíveis para cá do muro, a salvo dos chicotes da SS e dos vagões para Treblinka.

O testemunho mesmo, portanto, oferece-nos um esboço de sua epistemologia. Uma vez que suas palavras não dispensam “muitos comentários”, o empenho cognitivo com elas condizente por força haverá de recorrer à história. Sem o saber abalizado do historiador, sem os instrumentos e critérios de orientação de seu ofício, aumentam as

chances de que a selva dos escritos testemunhais não se deixe atravessar. E para além de requisitos como os protocolos científicos e os parâmetros explicativos da *expertise* histórica, outros mais estão em jogo. Saliente-se, nessa ordem de ideias, a importância do momento autorreflexivo na operação de leitura crítica do testemunho: em que contexto tal leitura se dá? Que discursos a permeiam, que fatores a sobredeterminam? Saliente-se, ainda, a importância do viés reflexivo do processo, *sine qua non* em vista das múltiplas facetas do fenômeno testemunhal e de seus múltiplos registros e dispositivos de linguagem.

Como se viu linhas atrás, a obra de Władysław Szlengel “foi ao encontro das gentes” no Gueto de Varsóvia. Em seu perfil do poeta, o historiador Emanuel Ringelblum anotou que os versos szlengelianos “eram muito populares” no Gueto e que “circulavam de mãos em mãos em cópias feitas à máquina ou em hectógrafo” (RINGELBLUM, 1983, p. 580). Tangenciando de um lado então o documento, a crônica, como também já se viu anteriormente, de outro importa reconhecer a singular estatura artística dessa produção poética: arte de resistência, de luta moral pelo direito de cidadania em um mundo do qual o totalitarismo nacional-socialista ambicionava varrer os judeus.

Aniquilado o Gueto e dizimada a quase totalidade de seus habitantes, sob a densa sombra da *Shoah*, a frágil centelha dessa arte cintila de modo muito especial. Depositada no fungível suporte da escrita, desarmada, coisa entre mais coisas entregues à voragem da destruição<sup>7</sup>, mal se crê que em meio a tantos azares ela tenha chegado a sobreviver. Trata-se aqui acima de tudo, por conseguinte, de dar-lhe novo abrigo, em outra língua e outra literatura, de contribuir nalguma medida para que ela chegue a novos leitores. O texto que adiante se transcreve em versão brasileira constitui exemplo dos mais impressionantes e representativos do verso testemunhal de szlengeliano. Segundo Irena Maciejewska, na cuidadosa “Introdução” à coletânea dos escritos de autor que editou,

---

<sup>7</sup> Penso aqui nas penetrantes observações de Bożena Shallcross em seu estudo *Rzeczy i Zagłada (As coisas e o Extermínio)*. Ver SHALLCROSS, 2010 (sobre o “texto do Extermínio como coisa”, em particular, p. 14-21).

A partir de elementos concretos, de imagens de coisas judias em procissão e de ruas de Varsóvia que foram a última jornada dos condenados, Szlengel constrói [...] uma visão integral da história dos judeus durante a guerra, de seu gradativo extermínio. O mundo maximamente reificado das “coisas” se torna símbolo da desumanização e da reificação do regime totalitário de Hitler, o qual – tratando seres humanos como coisas – criou guetos, campos e um sistema de mortes anônimas, em escala de massa. A obra tem alento de roteiro de um grande filme mudo [...]. O que é descrito com menor ou maior minudência em dezenas de escritos memorialísticos, atinge aqui os limites da síntese, de um quadro que abarca o todo (SZLENGEL, 1979, p. 20).

Com efeito, o poema condensa com extraordinário poder expressivo todo o arco do destino dos judeus no Gueto de Varsóvia: assistimos a sua marcha inicial para o interior dos muros, ao que se sucedem as repetidas perambulações, ao bel-prazer da administração e da rapina do ocupante nazista, pelo território cada vez mais exíguo de seu confinamento, e os vislumbres conclusivos das ações de liquidação do gueto, onde já poucos retornavam do *Umschlagplatz* e dos transportes para as câmaras de gás. Nesta altura dos eventos, Szlengel já não se permite o compungido lirismo do olhar que tantas vezes lançou de sua janela no Gueto rumo à Varsóvia para além dos muros. Sua lírica, agora, oscilando entre a pura fantasmagoria e o detalhe mais recôndito, só tem olhos de fato para um eloquente *corpus delicti*:

## COISAS

Pela Hoża e a Wspólna, e a Marszałkowska inteira,  
carroças... carroças judias em fileira...

móveis, mesinha, abajur,  
valises, trouxas, baús,  
caixas, embrulhos e colchas,  
retratos, paletós, bolsas,  
lençóis, panelas, tapetes,  
cortinas, livros, enfeites.  
Vidros, potes, bules, xícaras,  
uma baixela, um *wiśniak*,  
os haveres, os guardados,  
para a Śliska são levados.

Uma vodka num casaco  
e uma linguiça, um bom naco.  
Em charretes, riquixás,  
a corja obscura se vai...

Da Śliska para a Niska, eis  
tudo levado outra vez.

Móveis, mesinha, abajur,  
valises, trouxas, baús.  
Lençol, panelas – pois bem,  
nenhum tapete, porém.  
Da baixela nem sinal,  
nada do vidro de sal,  
dos paletós e coletes,  
dos retratos, dos enfeites.  
Ficam para trás na Śliska  
as miudezas, o *wiśniak*,  
resta a vodka no casaco  
e uma linguiça, um bom naco.  
Em carroças, riquixás,  
a corja obscura se vai.

Da Niska já vão embora,  
rumam aos blocos agora.

Sem mesinha e abajur,  
sem trouxas, sem baús.  
Sumiram bules, panelas,  
os livros, potes, tigelas.  
Cobertores, travesseiros,  
vá saber seu paradeiro.  
Joga ali no riquixá...  
Uma garrafa de chá,  
caramelo, uma jaqueta  
e uma pequena maleta.  
Carroças não seguem mais  
e a marcha obscura lá vai...

E a marcha judia avança  
rumo à Ostrowska e vizinhança:

nenhum móvel, nem baú,  
nem trouxa, nem abajur,  
nenhum bule, nenhum frasco,  
nem tigelas e nem pratos;  
uma maleta nas mãos,  
um cachecol grosso... pão  
e água apenas, mais nada,  
cruza as ruas a manada  
em plena noite – pisando  
as coisas que vai deixando.

Voltam agora da Ostrowska  
na noite nublada e fosca –  
maleta, um resto de pão,  
já pouco é preciso então –  
mais cinco... outros cinco, em frente,  
marcham pelas ruas silentes.

Dias breves, noite infinda,  
amanhã... ou hoje ainda...  
um gesto, um apito, um brado  
e o cortejo é retomado...  
mãos vazias e – escondido  
com cuidado – um comprimido...

Do *Umschlag* à Marszałkowska,  
rastros judeus na cidade,  
vida ainda, casa após  
casa, vida sem alarde.  
Nos lares abandonados  
trouxas no chão, utensílios,  
ternos, sapatos, cobertores,  
cadeiras, pratos vazios,  
a chama inútil do fogo,  
colheres sem serventia,  
caídas em meio à pressa  
velhas fotos de família...  
Um livro aberto, uma carta  
mal começada... “Receio”,  
um copo inda por beber  
e um carteadado no meio.  
O vento balança a manga  
da camisa e, amarrotada,  
a fria colcha aparenta  
há pouco ter sido usada;  
as coisas jazem sem dono,  
a casa, vazia e morta,  
até que gente – ariana  
cruze a soleira da porta...  
Então se fecham janelas,  
vida nova se inicia:  
na cama agora arrumada  
se estende a colcha judia;  
e as camisas são lavadas  
e os livros voltam p’ra estante;  
café servido, o baralho  
entretém tal como antes.  
E nalgum vagão alhures  
isto somente de sobra:  
o comprimido a ingerir



num pouco d'água salobra.  
Mas numa noite vindoura  
cessado o horror destes dias  
deixarão baús e casas  
todas as coisas judias.  
Saltarão pelas janelas  
e correrão pelas ruas,  
ajuntando-se em seguida  
nas ferrovias escuras.  
As mesinhas, as banquetas,  
todas as trouxas, maletas,  
os paletós, as tigelas,  
os potes, bules, panelas,  
se vão e desaparecem,  
e ninguém sabe por que  
se vão assim, afinal,  
e já ninguém mais as vê.

Ante o tribunal, contudo,  
(se acaso *veritas victi*<sup>8</sup>...)  
restará um comprimido  
expondo o *corpus delicti* (SZLENGEL, 2013, p. 286-290).

Estes são alguns dos versos de Władysław Szlengel. Isto é um pouco do ele lia para os mortos.

---

<sup>8</sup> *Sic!*

## Referências

BURYŁA, Sławomir; KRAWCZYŃSKA, Dorota; LEOCIAK, Jacek (red.). *Literatura polska wobec Zagłady (1939-1968)*. Warszawa: Fundacja Akademia Humanistyczna; IBL PAN, 2012.

ENGELKING, Barbara; LEOCIAK, Jacek. *Getto Warszawskie: przewodnik po nieistniejącym mieście*; wydanie drugie, zmienione, poprawione i rozszerzone. Warszawa: Stowarzyszenie Centrum Badań nad Zagładą Żydów, 2013.

GŁOWIŃSKI, Michał. Wielkie zderzenie. In: \_\_\_\_\_. *Skrzydła i pięta*. Kraków: Universitas, 2004.

GROSS, Natan. *Poeci i Szoa: obraz zagłady Żydów w poezji polskiej*. Sosnowiec: Offmax, 1993.

GRYNBERG, Henryk. Holocaust w literaturze polskiej. In: \_\_\_\_\_. *Prawda nieartystyczna*. Warszawa: PIW, 1994, p. 139-179.

GUINSBURG, Jacó. A Polônia entre as duas guerras: uma explosão cultural do ídiche. In: \_\_\_\_\_. *Aventuras de uma língua errante: ensaios de literatura e teatro ídiche*. São Paulo: Perspectiva, 1996, p. 339-384.

RINGELBLUM, Emanuel. *Kronika getta warszawskiego – wrzesień 1939-styczeń 1943*; wstęp i redakcja Artur Eisenbach, przełożył z jidisz Adam Rutkowski. Warszawa: Czytelnik, 1983.

SHALLCROSS, Bożena. *Rzeczy i Zagłada*. Kraków: Universitas, 2010.

SZLENGEL, Władysław. *Co czytałem umarłym*: wiersze getta warszawskiego; opracowała Irena Maciejewska; wydanie drugie uzupełnione i poprawione. Warszawa: PIW, 1979.

\_\_\_\_. *Władysław Szlengel: poeta nieznany*. Wybór tekstów; wstęp i opracowanie Magdalena Stańczuk. Warszawa: Bellona, 2013.

ŚWIĘCH, Jerzy. *Literatura polska w latach II Wojny Światowej*. Warszawa: PWN, 1997.

*Teksty drugie*, vol. 2 (4), 2013 (Special Issue – *Holocaust in literary and cultural studies*).

Disponível em

<[http://tekstydrugie.pl/file/fm/Issues/Teksty\\_Drugie\\_2013\\_s.e.vol.2\\_Holocaust\\_in\\_Literary\\_and\\_Cultural\\_Studies.pdf](http://tekstydrugie.pl/file/fm/Issues/Teksty_Drugie_2013_s.e.vol.2_Holocaust_in_Literary_and_Cultural_Studies.pdf)>. Último acesso 10/08/2015.

UBERTOWSKA, Aleksandra. *Świadectwo – trauma – głos*: literackie reprezentacje Holokaustu. Kraków: Universitas, 2007.

WIEVIORKA, Annette. *L'ère du témoin*. Paris: Plon, 1998.